

**A REALIDADE SOCIAL DAS FAVELAS E A CONTRIBUIÇÃO LITERÁRIA DE
CAROLINA MARIA DE JESUS NA LUTA ANTIRRACISTA**

Pamela Moraes Nicolau do Espírito Santo

(Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)

RESUMO

O presente ensaio retrata a realidade social das favelas através da contribuição literária da escritora Carolina Maria de Jesus, favelada, criada na comunidade do Canindé e catadora de papel. A desigualdade social, o racismo e as dimensões da violência caracterizam o cotidiano de Carolina. O diário relança ao leitor inúmeras denúncias referentes à violência de Estado aos corpos pretos, favelados e pobres. Carolina traz em sua obra reflexões políticas e sociais, questionamentos indissociáveis quando falamos de uma obra que relata o cotidiano da vida das mulheres e da favela, e que a partir disso é fundamental problematizar a violência do Estado dentro do controle material, social e econômico; e hoje, nós, enquanto educadores e futuros educadores, precisamos ter o compromisso de pensar outro projeto de sociedade a partir da educação e da ampliação do conhecimento que precisa estar ligado à nossa intencionalidade enquanto formadores de sujeitos.

Palavras-chaves: Literatura; Educação; Desigualdade.

Nascida em 1914 na comunidade do Canindé, a escritora e poetisa Carolina Maria de Jesus trabalhou como catadora de papel ao longo de sua vida, vindo a falecer em 1977. A pobreza, o racismo, a violência e a desigualdade, fizeram por muitos anos parte do cotidiano de Carolina. A poetisa trouxe em suas escritas de “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada”⁸, uma de suas obras com mais

⁸ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2019.

destaques da literatura brasileira e com traduções internacionais, suas contribuições para o relato de um cotidiano diante de um Estado que oprime.

Nesse sentido, é importante pontuarmos também as inúmeras edições de sua obra e a luta de sua família pela originalidade. A partir de *Diário de uma Favelada*, denúncias fortes e reais de uma sociedade desigual são apontadas, como Carolina retoma, “Fui catar papel e permaneci fora de casa uma hora. Quando retornei vi varias pessoas as margens do rio...” (JESUS, 2019, p.17), logo, é perceptível em uma análise de sua escrita, a resistência diária e as vozes que ecoavam e construíram o esperar da luta antirracista hoje.

Neste diálogo sobre a luta antirracista, nos encontraremos com a educadora bell hooks (2013) ao pensarmos uma educação transgressora e com a educadora Nilma Lino Gomes (2017) ao pontuarmos a luta do povo negro, intelectuais e autoras negras que, assim como Carolina Maria de Jesus, reconstroem as narrativas dos povos. Portanto, a contribuição de Carolina, enquanto uma das escritoras mais importantes para a literatura brasileira, em diálogo com tantas outras referências, apontam a política social referenciada a partir de cada obra.

Nesse sentido, no dia 14 de março de 2023, completaram-se 109 anos da existência de Carolina Maria de Jesus e é possível afirmar a originalidade em suas escritas, não somente da construção da linguagem, mas dos relatos sobre a crescente violência do Estado sobre os corpos pretos e periféricos. Dessa forma, eram abordadas as inúmeras dificuldades de quem vive “às margens do rio”, como pontua a autora em sua escrita, que não participa das construções e decisões da vida de quem vive na favela.

Até quando teremos mais relatos de aprisionamento dos corpos pretos? Por quanto tempo mais, nós, mulheres, viveremos a violência sexista e patriarcal? Por quanto tempo iremos viver de fora do orçamento do Estado e das decisões que afligem a construção de uma sociedade? Esses são inúmeros questionamentos indissociáveis quando falamos de uma obra que relata o cotidiano da vida das mulheres e da favela. Dessa forma, é fundamental, assim como bell hooks (2013) aponta, pensar uma educação transgressora para romper as estruturas e problematizar a violência do Estado dentro do controle material, social e econômico.

Contudo, precisamos compreender que nenhum processo de desumanização deve ser aceito e, para isso, torna-se fundamental estabelecer que a concepção do direito de uma vida digna é também das classes populares. Nesse sentido, é lugar dos educadores a atenção e entendimento da construção de uma educação transgressora, como as reflexões do livro “Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade” (2013). Uma educação do ser mais. A fim de alcançar o dom da liberdade, a partir de uma construção coletiva e horizontal.

A escritora Carolina Maria de Jesus dá cor à fome e relaciona esse diálogo à sua realidade que reluz também a cor da vida. Todos os dias abria a janela, olhava para o céu e lá estava o sol iluminando tudo e a cada manhã era como uma luz de esperança. Como aponta a poetisa: “Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você. Todos têm um ideal. O meu é gostar de ler...” (JESUS, 2019, p.26). Portanto, vemos a esperança de que algum dia tudo iria mudar e que o amarelo da vida iria prevalecer.

Carolina viveu a realidade de muitas mulheres e jovens que precisam abdicar de seus estudos, na maioria das vezes para o sustento da família. Dessa forma, fazia da leitura e escrita o seu lugar e o suporte do processo. Ademais, diante da realidade cruel de sobrevivência e do diálogo com a fome, criou seus três filhos e projetava a cada dia uma vida melhor, entendendo, sobretudo, que se manter vivos era a prioridade.

Mesmo estudando até o Ensino Fundamental, onde teve contato com o processo inicial de alfabetização, especificamente , o processo de leitura e escrita. Despertou o interesse pela escrita também através do acesso à leitura de algumas obras literárias dentre os materiais que recolhia. O seu caderno tinha relatos fortes e incisivos, assim como esse relato em diálogo com o “Seu João”

23 de julho...Liguei o rádio para ouvir o drama. Fiz o almoço e deitei. Dormi uma hora e meia. Nem ouvi o final da peça. Mas, eu já conhecia a peça. Comecei fazer o meu diário. De vez em quando parava para repreender os meu filhos. Bateram na porta. Mandei o João José abrir e mandar entrar. Era o Seu João. Perguntou-me onde encontrar folhas de batatas para sua filha bochechar um dente. Eu disse que na Portuguesinha era possível encontrar. Quiz saber o que eu escrevia. Eu disse ser o meu diário. (JESUS, 2019, p.26)

A obra literária retrata o cotidiano e muito nos ensina sobre o desabafo da triste realidade das favelas nas folhas do caderno de Carolina que se tornaram a

partir de uma linguagem simples, contundente e original baseada no realismo diante de uma sensibilidade e leitura do lugar de muitos jovens por todo país. Nesse sentido, é fundamental a luta e garantia das edições de “Quarto de Despejo” a partir de sua relatoria original, que para nós, educadores, é algo que não só preserva a memória mas também abre as discussões da multiplicidade da linguagem.

Além disso, a autora também aponta reflexões sobre a sociedade em que vivia, que marginalizava e excluía os mais pobres. Ademais, é considerada uma das primeiras escritoras negras do Brasil a ser reconhecida pela sua produção literária, resgatemos esse relato: “[...] — Carolina, é verdade que vão acabar com a favela? — Não. Estão fazendo uma fita de cinema.” (JESUS, p.189, 2019).

Portanto, em diálogo com a realidade social da obra literária de Carolina, traremos a educadora Nilma Lino Gomes (2017)⁹ e uma reflexão acerca do papel da educação na luta antirracista diante de um Estado capitalista que oprime e violenta. Como destacamos a importância da educação enquanto um campo que rompe com as estruturas opressoras, é fundamental também referenciamos a luta do Movimento Negro enquanto uma figura central para que cada vez mais autores negros ocupem lugares de referência. Destacamos:

Educação é o campo escolhido para as reflexões aqui realizadas devido ao fato de ser um direito social, arduamente conquistado pelos grupos não hegemônicos do Brasil e que durante muito tempo foi sistematicamente negado aos negros e às negras brasileiras. Na luta pela superação desse quadro de negação de direitos e de invisibilização da história e da presença de um coletivo étnico-racial que participou e participa ativamente da construção do país, o Movimento Negro, por meio de suas principais lideranças e das ações dos seus militantes, elegeu e destacou a educação como um importante espaço-tempo passível de intervenção e de emancipação social, mesmo em meio às ondas de regulação conservadora e da violência capitalista. (GOMES, 2017, p.24/25)

Nesse sentido, é através da educação e, por vezes, através da escrita onde as desigualdades sociais e injustiças vividas pelos mais vulneráveis são expostas. Dessa forma, os educadores e futuros educadores, cumprem um papel fundamental de pensarem em outro projeto de sociedade a partir de uma educação popular que esteja ligado a sua práxis e intencionalidade enquanto formadores de sujeitos,

⁹ GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ. Vozes. 2017.

construindo e resgatando o protagonismo da classe popular e trabalhadora, assim como referências como Carolina, Marielle, Dandara e tantas outras mulheres.

É fundamental construirmos a resistência a partir das vivências e narrativas diante de um Estado que violenta as nossas vidas e corpos a partir de uma linha política excludente. Como bem evidencia Carolina em seu diário, “o Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças.” (JESUS, p.29, 2019). Esse trecho de “Quarto de Despejo” nos leva à reflexão sobre as estruturas opressoras que jamais entenderam a dor e sofrimento da fome atrelado à cor da pele e as condições econômicas.

Carolina, enquanto uma mulher negra e escritora, resistiu e ainda se faz muito presente nas contribuições para a construção da luta antirracista e da presença de escritoras negras na literatura brasileira. Ao longo do livro, Carolina Maria de Jesus retrata de maneira contundente as dificuldades enfrentadas por ela e seus vizinhos, descreve a falta de alimentação adequada, a ausência de saneamento básico, a violência, falta de perspectivas e abandono do Estado que são pontos fundamentais para a dignidade plena do ser humano, como bem coloca bell hooks:

Está claro que uma das principais razões por que não sofremos uma revolução de valores é a cultura de dominação necessariamente promove os vícios da mentira e da negação. Essa mentira assume uma forma aparentemente inocente: muitos brancos (e até alguns negros) afirmam que o racismo não existe mais e que as sólidas oportunidades de igualdade social atualmente existentes habilitam qualquer negro trabalhador alcançar autossuficiência econômica. Vamos esquecer que o capitalismo implica a existência de uma massa de mão de obra excedente subprivilegiada. (HOOKS, 2013, p. 44)

Assim como a educadora bell hooks bem nos coloca, o racismo existe nas mais diferentes ações e práticas, atrelado a desigualdade social, que tem raça, gênero e cor. Carolina aborda a discriminação racial a partir da leitura dos desafios impostos à relação com os homens e a dura criação dos filhos em um contexto tão adverso. O “Quarto de Despejo” é um livro que nos desafia a refletir sobre nossos privilégios e sobre como a sociedade trata os mais pobres.

A construção deste ensaio nos confronta com a dura realidade vivida por Carolina Maria de Jesus e muitos outros que, como ela, enfrentam obstáculos diários apenas para sobreviver. A partir disso, as reflexões nos levam a repensar

nossas práticas enquanto educandos e educadores. Resgatamos este relato do diário para apontarmos sobre os privilégios e a crescente desigualdade social:

10 de maio... Fui na delegacia e falei com o tenente. Que homem amavel! Se eu soubesse que ele era tão amavel, eu teria ido na delegacia na primeira intimação. (...) O tenente interessou-se pela educação dos meus filhos. Disse-me que a favela é um ambiente propenso, que as pessoas tem mais possibilidades de delinquir do que tornar-se util a patria e ao país. Pensei: Se ele sabe disto, porque não faz um relatorio e envia para os politicos? O senhor Janio Quadros, o Kubstchek [9] e o Dr. Adhemar de Barros? Agora falar para mim, que sou uma pobre lixeira. Não posso resolver nem as minhas dificuldades. (JESUS, p.29, 2019)

Entretanto, não é possível recuar das lutas e das cobranças por um Estado democrático sem violência e por uma vida digna e a partir da educação, cobrar pela construção e pela reforma estrutural do currículo para pensar autores referenciados socialmente, como Carolina, para a construção dos currículos escolares. Assim como bell hooks, Nilma Lino Gomes nos provoca a dialogar com a obra de Carolina ao pensarmos a violência do cotidiano e o poder de emancipação dos sujeitos e formação de caráter.

Vivemos desafios árduos a partir da conjuntura política de reconstrução do Brasil hoje e, ao relacionarmos o cotidiano de Carolina Maria de Jesus e o seu acesso a obras da literatura, apontamos a escrita enquanto um lugar de “escrevivência” como retoma Conceição Evaristo ao falar do poder da escrita e também Carolina: “quando eu não tinha nada o que comer, em vez de xingar, eu escrevia.” (JESUS, p.194, 2021).

Mas é necessário lembrarmos da precariedade do acesso e da falta de investimento nos espaços pedagógicos e bibliotecas dentro das favelas. Resgatamos uma passagem do dia 28 de maio do diário:

28 de maio... A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro. (JESUS, p.167, 2019)

Nesse sentido, é imprescindível construirmos cada vez mais o diálogo com as obras literárias inseridas em nossa práxis pedagógica enquanto docentes. Desconstruindo estruturas opressoras e rompendo com as narrativas coloniais. É preciso construir uma educação para transgredir.

REFERÊNCIAS

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis, RJ. Vozes. 2017.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada.** São Paulo: Ática, 2019.